Dia 21 — São Bento, Abade e Patriarca das Religiões Monacais do Ocidente

São Bento, tão célebre em todo o orbe cristão, luz do deserto, apóstolo do Monte Cassino, restaurador da vida monástica no Ocidente, um dos mais ilustres e dos maiores santos da Igreja, nasceu pelos anos de 480 nas cercanias de Núrsia, no ducado de Espoleto. Sua nobilíssima casa, uma das mais distintas da Itália, fazia-se respeitar em toda ela, tanto por seus enlaces como por sua grande riqueza. O pai, que se chamava Eutrópio, crê-se que foi da casa dos Anícios, e sua mãe, chamada Abundância, era condessa de Núrsia. São Gregório, que escreveu a vida de nosso santo, diz que não sem mistério lhe chamaram Bento, pelas grandes bênçãos com que o preveniu o Senhor desde seu nascimento.

Nada houve que fazer em inclinar-lhe à piedade, porque as primeiras lições que se lhe deram acharam já um coração formado para a virtude. Desde logo se descobriu nele tão bom engenho, tão nobres inclinações, um natural tão dócil, tais sinais de devoção e tanta disposição para as letras que, aos sete anos de sua idade, enviaram-no seus pais a Roma, para que se criasse naquela corte à vista do papa Félix II, que também se crê haver sido da mesma família.

Fez assombrosos progressos nas ciências humanas no espaço dos sete anos que se dedicou a elas; mas foram muito mais assombrosos os que fez na ciência da salvação. Já desde então se olhava como espécie de prodígio sua constância na oração, sua inclinação ao retiro, sua circunspecção e as penitências que fazia numa idade que só toma gosto às diversões e aos entretenimentos.

Mas sobretudo sobressaía em Bento a terna devoção que professava à Mãe de Deus. Venera-se ainda no oratório de São Bento, em Roma, a imagem da santíssima Virgem, ante a qual passava muitas horas em oração todos os dias e em cuja presença, segundo refere o beato Alano, recebeu do céu extraordinários favores.

Tendo observado os licenciosos costumes dos jovens de sua idade e de sua esfera e conhecendo os grandes perigos a que estava exposta sua salvação ficando no mundo, resolveu buscar seguro asilo a sua inocência no retiro do deserto. Cheio do espírito de Deus que o guiava, saiu de Roma sendo de só quinze anos, chegou à aldeia de Afile e, depois de haver feito ali um milagre em favor de sua ama, que não havia querido separar-se dele, logrou escapar-se dela secretamente e por sendas descaminhadas foi esconder-se no deserto de Sublaco, a quinze léguas de Roma.

Tudo conspirava a infundir horror naquela solidão: os penhascos escarpados cujas pontas se escondiam à vista, os precipícios espantosos e um terreno seco, estéril e infecundo; mas o animoso Bento achou nela doces atrativos. Tendo-o encontrado certo monge chamado Romano, perguntou-lhe que buscava por aqueles desertos; e, respondendo-lhe Bento que um sítio onde sepultar-se em vida para não pensar mais que em Deus, admirado Romano, mostrou-lhe certa gruta aberta numa rocha, parecida a uma sepultura. Nela se encerrou Bento, e Romano lhe trouxe de seu mosteiro um hábito de monge, cuidando também de trazer-lhe algumas migalhas de pão uma vez cada semana.

Não se podem compreender as excessivas penitências que fez aquele esforçado jovem herói da religião cristã desde os primeiros passos em sua penosa carreira. Seu jejum era contínuo, sua oração quase perpétua; e, como se não bastasse, para mortificação daquele corpinho tenro e delicado, não ter mais cama que a dura penha nem apenas outro alimento que insípidas e agrestes raízes, carregou-se com um áspero cilício, do qual não se despiu em toda a vida.

Estremeceu-se o inferno ao ver tantas virtudes no jovem solitário; e desde logo começou o inimigo comum a valer-se de todo gênero de artifícios para desalentá-lo. Deu princípio à batalha fazendo em pedaços um sininho pendente de uma corda longa com que Romano prevenia a Bento para que acudisse a recolher as migalhas de pão que lhe descia; mas a caridade, que é engenhosa, achou arbítrio para continuar em seu exercício. A isto seguiram-se ruídos, fantasmas e outras cem estratagemas; e, tendo-as experimentado igualmente inúteis, acudiu por último recurso à tentação mais veemente e também mais perigosa.

Zombava Bento, cheio de confiança em Jesus Cristo, de todos os vãos esforços do demônio quando a memória de uma donzela que havia visto em Roma lhe veio à imaginação, inquietou-o tanto e o apurou com tal veemência que, para livrar-se dela, foi arrojar-se a uma sarça e revolveu-se nela até que a extrema dor dos espinhos reprimiu de todo os ímpetos do deleite com que o tentador havia querido derrubá-lo. Ficou para sempre vencido e envergonhado o espírito impuro, e premiou o céu a generosa fidelidade de seu servo, concedendo-lhe o singular privilégio de que não voltasse a experimentar daqui em diante semelhantes tentações.

Havia três anos que Bento vivia no deserto mais como anjo que como homem quando quis o Senhor dá-lo a conhecer ao mundo. A légua e meia de sua gruta, ou de sua cisterna, habitava um santo clérigo que na véspera da Páscoa havia feito dispor comida algo mais abundante para o dia seguinte em honra de tal festividade. Aquela noite apareceu-lhe o Senhor em sonhos e disse-lhe que no outro dia buscasse seu servo no deserto e lhe levasse de comer; fê-lo assim o bom sacerdote e ficou atônito quando se achou com um mancebo tão delicado e viu a espantosa penitência que fazia. Sem poder conter-se, publicou o que havia visto, e esta foi a ocasião de que começasse a fama de Bento a divulgar-se e fazer ruído no mundo.

Tendo morrido por este tempo o abade do mosteiro de Vicovaro, entre Sublaco e Tívoli, os monges nomearam a Bento por superior seu e, embora resistisse quanto pôde, alegando muitas razões, não foi ouvido e obrigaram-no a encarregar-se do governo do mosteiro. Mas, mal começou o santo abade a querer endireitá-los pelo caminho estreito de sua profissão, arrependeram-se da eleição que haviam feito; negaram-lhe a obediência e até intentaram tirar-lhe a vida com veneno que lhe lançaram na bebida; mas, ao tempo de sentar-se o santo à mesa, lançou a bênção, como

costumava, e no ponto se fez em pedaços o vaso que continha o veneno.

Conhecendo Bento a perversa intenção daqueles monges, pediu a Deus que os perdoasse e, renunciando a abadia, voltou a retirar-se a sua amada solidão. Mas não esteve só muito tempo; porque, à fama de sua rara santidade, concorreu de todas as partes tão prodigioso número de gente, com desejo de entregar-se a sua direção e governo, que só no deserto de Sublaco fundou doze mosteiros, dando-lhes a regra que acabava de compor, ditada, digamo-lo assim, pelo Espírito Santo.

Crescendo cada dia a reputação de sua virtude, vinham vê-lo e consultá-lo os mais autorizados senadores de Roma. Tértulo trouxe-lhe seu filho primogênito Plácido, de idade de só sete anos, e Equício deixou-lhe a Mauro, que tinha doze, rogando a Bento que se encarregasse de educá-los. Aplicou-se a isso com tanto cuidado que em pouco tempo daqueles dois queridos discípulos seus fez dois grandes santos: Plácido derramou seu sangue por Jesus Cristo, e Mauro foi como outro fundador da religião beneditina no reino da França.

Não há virtude sem perseguição. Governava a paróquia imediata ao deserto de Sublaco um mau sacerdote chamado Florêncio, que, não podendo sofrer tão heroicos exemplos de virtude, como muda reprensão das desordens secretas de sua estragada vida, não contente com desacreditar quanto podia o novo instituto e com perseguir o pai e os filhos, intentou com diabólicos artifícios armar infames laços à pureza dos monges. Julgou o santo que ditava a prudência ceder à tempestade; e, desamparando o deserto de Sublaco, foi ao Monte Cassino, onde o céu lhe tinha prevenida uma messe mais abundante e onde ao título de fundador de uma religião tão célebre entre todas as que ilustram a igreja do Senhor havia de acrescentar o de apóstolo.

Haviam-se como entrincheirado entre os inacessíveis penhascos do Monte Cassino algumas miseráveis relíquias do paganismo; ali se adorava impunemente o deus Apolo, em cuja honra se conservava um templo e uns bosques sagrados, à vista da mesma Roma cristã. Aceso Bento naquele espírito que anima e forma os heróis do Evangelho, ataca a idolatria em suas mesmas trincheiras, derruba o templo, faz em pedaços o ídolo, abrasa os bosques consagrados às mentidas deidades, levanta sobre as ruínas do templo e do altar duas capelas, uma em honra de São João Batista e outra na de São Martinho, e em poucos dias converte à fé todos aqueles povos.

Armou-se, diz São Gregório, todo o inferno junto para deter as rápidas conquistas de nosso santo. Espectros horríveis, uivos espantosos, terremotos, ameaças, incêndio, granizo, pedra, de tudo se valeu o inimigo da salvação, mas de tudo inutilmente. Sobre a eminência daquela montanha fundou Bento o famoso mosteiro de Monte Cassino, venerado sempre como solar e centro daquela célebre religião que brilha tanto na Igreja de Deus mil e duzentos anos há, tendo dado aos altares mais de três mil santos, às dioceses um número quase infinito de insignes prelados, ao sacro colégio mais de duzentos cardeais e à sé apostólica quarenta sumos pontífices. Esta é aquela religião ilustre a que se têm visto vir muitos grandes príncipes para buscar o caminho seguro da salvação e na qual até o dia de hoje se admiram e se veneram, nas célebres congregações de Cluny, de Monte Cassino, de São Mauro, de São Vanne, de São Colombano (sem que a nenhuma cedam as da Espanha), tão grandes exemplos de virtude e escritores tão hábeis, tão sobressalentes em todas as ciências.

Ainda não se havia acabado o novo mosteiro quando foi mister levantar outros muitos. Neste tempo foi quando São Bento compôs, ou ao menos aperfeiçoou, aquela santa regra cuja prudência, sabedoria e perfeição louva tanto São Gregório, tendo merecido não só a aprovação, mas o respeito de toda a Igreja.

Movida Santa Escolástica, irmã de São Bento, tanto dos grandes exemplos de virtude como das maravilhas que operava o Senhor por meio de seu santo irmão, determinou deixar o mundo e, encerrando-se com outras donzelas num mosteiro distante algumas léguas de Monte Cassino, veio a ser, com as instruções de nosso santo, a fundadora no Ocidente e o modelo da vida monacal para as mulheres.

Não é fácil referir nem tudo o que fez Bento nos treze ou catorze anos que viveu no Monte Cassino nem todos os prodígios que se dignou Deus operar por seu ministério. Não só possuía o dom de milagres, mas o comunicava a seus monges; como o experimentou São Mauro, caminhando sobre as águas para ir tirar de perigo o jovem Plácido.

De todas as partes concorriam tropas de gente a venerá-lo. Desejando Totila, novo rei dos godos na Itália, conhecer um homem de quem publicava a fama tantas maravilhas, veio vê-lo; mas, ao mesmo tempo, para provar se estava dotado do dom de profecia que tanto se celebrava, mandou a um cavalariço seu que se vestisse dos adornos reais e de todas as insígnias da majestade. Mas, logo que Bento o viu com aquele equipamento, disse-lhe com doçura: Deixa, filho meu, essas insígnias que não te convêm e não finjas o que não és. Assombrado Totila da maravilha, correu a arrojar-se aos pés do santo, aos quais esteve prostrado até que Bento o levantou; e, tendo-o repreendido o santo respeitosamente pelos horríveis estragos que havia feito na Itália, prognosticou-lhe quanto lhe havia de suceder por espaço de nove anos, exortando-o a converter-se e dizendo-lhe que no décimo ano iria dar conta a Deus de toda a sua vida. Verificou o sucesso toda a profecia do santo, e, procedendo Totila daí em diante com maior moderação e humanidade, não cessava de publicar a virtude do servo de Deus.

Sendo São Bento a admiração de todo o mundo e respeitando-o os sumos pontífices, os imperadores e os reis como o assombro de seu século, vivia no mosteiro como se fosse o último dos monges. Só se valia de sua autoridade para exercitar-se nos ofícios mais humildes e para exceder em muito a austeridade da regra. Não obstante que o Senhor parece haver posto debaixo de seu domínio todo o inferno e que a própria morte lhe obedecia, era com tudo isso humildíssimo, tendo-se pelo mais mínimo de todos os monges e acreditando com seu proceder que assim o cria. Prognosticou o dia de sua morte e dispôs-se para ela com novo fervor e exercícios de penitência. Seis dias antes mandou abrir a sepultura; enfim, no sábado antes da dominica *in Passione*, aos 21 de março do ano 543, sendo de só sessenta e três anos não completos, mas consumido dos trabalhos e mortificações, cheio de méritos e logrando o consolo de ver estendida sua religião na Sicília por São Plácido, na França por São Mauro, na Espanha e Portugal, na Alemanha e até no mesmo Oriente por outros discípulos seus, rendeu tranquilamente o espírito nas mãos de seu Criador na mesma igreja do Monte Cassino, aonde se havia feito conduzir para receber o santo Viático.

No mesmo ponto em que expirou, dois monges que viviam em dois mosteiros muito distantes viram um caminho de luz muito resplandecente que dava princípio no Monte Cassino e terminava no céu; e ao mesmo tempo ouviram uma voz que dizia: Este é o caminho por onde Bento, servo amado de Deus, subiu à glória. O corpo do santo esteve por alguns dias exposto à veneração de seus filhos e de todo o povo e depois foi enterrado na sepultura que ele mesmo havia mandado abrir, onde se conservou até o ano 580, em que foi destruído o mosteiro do Monte Cassino pelos lombardos, como o havia profetizado o mesmo santo, ficando sepultadas entre suas ruínas aquelas preciosas relíquias. Diz-se que no ano 660, tendo passado a visitar o Monte Cassino São Aigulfo por ordem de São Momolo, segundo abade do mosteiro de Fleury, chamado hoje São Bento sobre o Loire, teve a ventura de desenterrar aquele tesouro e, trazendo-o à França, colocou-o em seu mosteiro, onde se adora com singular veneração, honrando cada dia o Senhor as sagradas relíquias com inumeráveis milagres.

Martirológio Romano

No Monte Cassino, o trânsito de São Bento, abade, o qual restabeleceu e propagou maravilhosamente no Ocidente a disciplina monástica quase de todo relaxada; sua vida gloriosa em virtudes e milagres escreveu São Gregório, papa.

Em Alexandria, a comemoração dos santos mártires que, no tempo do imperador Constâncio e do prefeito Filágrio, apoderando-se de improviso os arianos e os gentios das igrejas numa Sexta-feira Santa, foram assassinados.

No mesmo dia, os santos mártires Filêmon e Domnino.

Em Catânia, São Berilo, ordenado bispo por São Pedro, o qual, tendo convertido muitos gentios à fé, na última idade descansou em paz.

Em Alexandria, São Serapião, anacoreta, bispo de Thmuis, varão de grande virtude, o qual foi desterrado pelo furor dos arianos e morreu no desterro.

No território de Lião da França, São Lupicínio, abade, cuja vida foi esclarecida pela glória da santidade e dos milagres.

Missa (oração)

A missa é em honra do santo, e a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Intercessio nos, quæsumus, Domine, beati Benedicti abbatis commendet: ut quod nostris meritis non valemus, ejus patrocinio assequamur. Per Dominum nostrum...*

Português: Suplicamo-vos, Senhor, que a intercessão de São Bento, abade, nos torne gratos a vossa Majestade, para conseguir por seu patrocínio o que não podemos por nossos merecimentos. Por nosso Senhor...

Epístola

A epístola é do capítulo 45 do livro do Eclesiástico (o original diz “Sabedoria”), a mesma do dia 19.

Eclesiástico 45,1-6

> **Latim:** [1] Dilectus Deo et hominibus Moyses, cujus memoria in benedictione est. [2] Similem illum fecit in gloria sanctorum, et magnificavit eum in timore inimicorum, et in verbis suis monstra placavit. [3] Glorificavit illum in conspectu regum, et jussit illi coram populo suo, et ostendit illi gloriam suam. [4] In fide et lenitate ipsius sanctum fecit illum, et elegit eum ex omni carne. [5] Audivit enim eum, et vocem ipsius, et induxit illum in nubem. [6] Et dedit illi coram præcepta, et legem vitæ et disciplinæ, docere Jacob testamentum suum, et judicia sua Israël.

Português: [1] Moisés foi amado de Deus, e dos homens: Cuja memória está em bênção. [2] Fê-lo semelhante aos santos na glória, e engrandeceu-o com o terror que infundia a seus inimigos, e êle com as suas palavras aplacou os monstros. [3] Glorificou-o diante dos reis, e lhe prescreveu ordenações diante do seu povo, e lhe fêz ver a sua glória. [4] Pela sua fé e mansidão o santificou e o escolheu dentre toda a carne. [5] Porque o ouviu a êle, e a sua voz, e o fêz entrar na nuvem. [6] E lhe deu os seus preceitos cara a cara, e a lei da vida e da disciplina para ensinar o seu Testamento a Jacó, e os seus juízos a Israel.

Nota

«Toda esta epístola, tirada do capítulo 45 do Eclesiástico, é um epílogo da vida de Moisés, cujo caráter descreve em poucas palavras; e vem também como nascida para São Bento, porque é igualmente um compêndio de sua admirável vida.»

Reflexões

In fide et lenitate ipsius sanctum fecit illum: fê-lo santo por sua fé e sua mansidão. Nunca é estéril uma fé viva: é como a alma do justo; faz com que obre fazendo-o viver; sempre acompanham suas luzes benignas influências. Logo é santo o que tem uma viva fé. De onde nasce a frouxidão no serviço de Deus? De onde a pouca força que nos fazem as verdades mais terríveis da religião? De onde o pouco gosto à penitência? De que se crê com muita debilidade. Ao que crê, diz o Salvador [^1], todas as coisas são possíveis; e se poderia acrescentar que também fáceis. Embora o amor-próprio se estremeça, embora a razão se violente, embora se assustem os sentidos: *Noli timere, tantummodo crede*: não temas, crê, e será tua a vitória. Certamente, quando a fé nos representa com viveza aquelas verdades eternas, quando nos desenvolve aqueles mistérios sobrenaturais, quando nos põe à vista com toda a claridade aqueles objetos tão superiores a todos os conhecimentos criados, as névoas do espírito humano se dissipam, as ilusões caem e se desvanecem; então se conhece que os brilhos do mundo são falsos, que suas flores são caducas, que quase todas são artificiais; então aparece a virtude, ou por melhor dizer a santidade, aquela afortunada região que, longe de devorar seus habitantes, os sustenta, os enriquece, os cumula de delícias; é uma terra por onde correm rios de leite e mel. Deus o fez santo por sua fé. Não é possível crer como se deve e não ser santo. Usa São Paulo da palavra santos quando escreve aos fiéis; e na verdade, como é possível crer a encarnação do Verbo, a vida e morte do Salvador, tudo o que fez e padeceu por redimir-nos, e tratá-lo com indiferença? Como é possível crer aquele inferno eterno, aquelas chamas inextinguíveis, aqueles tormentos infinitos em severidade e em duração e encontrar amargura na penitência e deleite no pecado? A fé, diz São João, é aquela vitória que triunfa do mundo. Ela é a que sujeita as paixões e a que faz em pedaços as mais doces e as mais fortes prisões. À claridade de seus raios descobrem-se os laços que arma o tentador à virtude, tira-se a máscara ao mundo apesar de seus capciosos artifícios, solicita-se um asilo à inocência nos claustros e nos desertos. A fé fez engenhosos, fez sábios os santos: seja a nossa tão viva como a sua e com o auxílio da divina graça seremos tão ditosos e tão santos como eles.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 19 de São Mateus.

Mateus 19,27-29

> **Latim:** [27] Tunc respondens Petrus, dixit ei : Ecce nos reliquimus omnia, et secuti sumus te : quid ergo erit nobis ? [28] Jesus autem dixit illis : Amen dico vobis, quod vos, qui secuti estis me, in regeneratione cum sederit Filius hominis in sede majestatis suæ, sedebitis et vos super sedes duodecim, judicantes duodecim tribus Israël. [29] Et omnis qui reliquerit domum, vel fratres, aut sorores,

> aut patrem, aut matrem, aut uxorem, aut filios, aut agros propter nomen meum, centuplum accipiet, et vitam æternam possidebit.

Português: [27] Então respondendo Pedro, lhe disse: Eis-aqui estamos nós que deixámos tudo, e te seguimos: que galardão pois será o nosso? [28] E Jesus lhes disse: Em verdade vos afirmo, que vós, quando no dia da regeneração estiver o Filho do homem sentado no throno da sua gloria, vós, torno a dizer, que me seguistes, tambem estareis sentados sobre doze thrones, e julgareis as doze tribus d'Israel. [29] E todo o que deixar por amor do meu nome a casa, ou os irmãos, ou as irmãas, ou a pai, ou a mãe, ou a mulher, ou os filhos, ou as fazendas, receberá cento por hum, e possuirá a vida eterna.

Meditação

Da felicidade dos santos no céu

Primeiro ponto

Considera com que energia promete o Salvador aos que o servem magníficas recompensas: cento por um nesta vida, morte preciosa, alegria requintada, plena, cumulada, eterna na outra. Formaste alguma vez conceito cabal ou ao menos não desproporcionado do que é esta felicidade eterna? De nenhum modo.

Concebe, se é possível, que ventura é a dos bem-aventurados no céu. É tal que nada do que se diga é bastante para explicá-la e nada de quanto se faça é suficiente para merecê-la.

Não há no mundo coisa que nos possa fazer compreender os bens que gozam; mas demasiado conhecemos os males de que estão isentos. Queres compreender algo da felicidade da outra vida? Pois sabe que está isenta de todas as misérias desta. Dores, tristezas, enfermidades, medos, inquietações, sobressaltos, pesadumbres, tudo está para sempre desterrado daquela mansão feliz. Nenhum dissabor, nenhuma moléstia tem entrada naquela santa cidade. Reina na Jerusalém celestial uma alegria pura e plena, uma calma inalterável. Ah, Senhor, que entendimento humano poderá compreender as inefáveis doçuras que gostam vossos escolhidos no céu!

Não só se logra ali tudo quanto se deseja, mas tudo o que é mister para não ter mais que desejar. O coração está cheio, a alma satisfeita. Estão como inundados os cortesãos do céu numa torrente, num oceano de puríssimas delícias. Não são somente todos os bens juntos, é a fonte mesma de todos os bens, é a posse do mesmo Deus a que faz o fundo daquela felicidade inimaginável. Falando com propriedade, não é a alegria do Senhor a que entra no coração dos santos, isso seria espaço muito estreito, lugar muito sufocado; a alma dos bem-aventurados é a que entra, é a que se afoga, é a que deliciosamente se perde, digamo-lo assim, na alegria do Senhor, isto é, nas delícias, na bem-aventurança do mesmo Deus.

Certamente, se um consolo interior, se um favor do céu um pouco sensível causa doçuras tão inefáveis ainda nesta região de lágrimas, que tira a amargura aos maiores trabalhos, faz ligeiras as mais pesadas cruzes e é causa de que os santos mártires verdadeiramente sintam gosto em meio dos mais cruéis tormentos, que será no céu, onde os gostos, os consolos, as delícias espirituais não se alambicam gota a gota, mas se dão a inundações; onde todo um Deus emprega todo o seu poder em fazer a alma feliz, e isto em recompensa do pouco, do nada que se fez por ele? Ó bom Deus, e que liberalmente premiais os que vos servem! Que proporção há entre o que fazemos e o que nos dais?

Segundo ponto

Considera que alegria produzirá aquela vista clara e distinta, aquela vista íntima de um Deus, e de um Deus amigo, e de um Deus pai.

A posse dos bens criados cansa, porque, como tudo quanto há neste mundo é limitado, mal se possui já enfastia. Mas, sendo Deus de perfeição infinita, quanto mais se possui, mais deleita. Os bem-aventurados nunca se veem fartos; por uma parte sempre satisfeitos, por outra sempre ansiosos: *semper avidi, et semper pleni* [^2]; mas sua ânsia não é congoja, porque a mesma saciedade excita, estimula seu apetite.

Enfim, os olhos não viram jamais coisa igual ao que tem preparado o Senhor para seus escolhidos; os ouvidos nunca ouviram semelhantes maravilhas; nem a mais viva imaginação é capaz de penetrar tão além nem de remontar-se tão alto. Eis aqui uma débil ideia da eterna felicidade; e eis aqui minha herança se me salvo. Pode nem deve ter mais digno objeto minha ambição? Pode nem deve ser de meu gosto qualquer outro deleite? Posso nem devo aspirar a maior fortuna?

Imagina tudo quanto pode fazer um homem perfeitamente feliz neste mundo. Junta todos os tesouros do universo; une todas as coroas da terra; a morte, a memória só da morte apaga toda esta ideia de felicidade.

No céu é onde se logra a ventura de ser perfeitamente feliz, com a segurança de sê-lo sempre. O mundo se acabará; passar-se-ão milhões de milhões de séculos depois que já não haja memória dele; e não terá passado nem um só momento daquela ditosa eternidade. Ó meu Deus, e que coisa tão doce é possuir-vos sem medo de perder-vos jamais! Que recordação tão suave, que pensamento tão delicioso! Tenho tudo quanto posso desejar e estou seguro de que daqui em diante nada haverá que possa turbar-me esta ventura; afoga-se meu coração numa alegria pura, perfeita, e esta alegria jamais há de ter fim; eu me salvei por fim, eu sou santo e hei de sê-lo eternamente. Isto é o que agora pensa e isto é o que agora diz São Bento, com aquele infinito número de santos que deu ao céu sua sagrada religião. Acharão agora por sua conta que o céu lhes custou muito caro? Arrepender-se-ão agora das penitências, das amarguras de sua ditosa solidão?

Deus meu, é possível que eu possa ser tudo isto, que possa gostar tudo isto, que eu possa dizer tudo isto, e que não faço tudo quanto se pode fazer no mundo para lograr algum dia a ventura de

poder gostá-lo e poder dizê-lo? Vossa graça imploro, dulcíssimo Jesus meu, vossa graça; porque desde este mesmo ponto começo a trabalhar neste negócio sem intermissão e sem covardia.

Jaculatórias

> *Quam magna multitudo dulcedinis tuæ, Domine, quam abscondisti timentibus te!* Sl 30.

Ó meu Deus, e quantas doçuras tendes reservadas aos que vos temem e vos amam com fidelidade!

> *O quando dabitur lugentibus corona pro cinere, oleum gaudii pro luctu, pallium laudis pro spiritu mæroris!* Is 61.

Ó Senhor, quando chegará aquele ditoso dia em que a cinza se converta em coroa, as lágrimas em óleo de alegria e em vez de luto esteja vestido de glória!

Propósitos

1. Quando a generosa mãe dos sete irmãos Macabeus exortava o menor de seus filhos a dar a vida valorosamente pela religião, a exemplo de seus irmãos, dizia-lhe estas palavras: *Peto, nate, ut aspicias ad cœlum, dignus fratribus tuis effectus particeps* [^3]. Rogo-te, filho meu, que ponhas os olhos no céu e te faças digno de merecer o diadema que já adorna as têmporas de teus irmãos. Toma para ti este conselho; esta prática é utilíssima nas diferentes disposições do corpo, do coração e do ânimo. É a vida fértil em espinhos e em cruzes, e parece que estas crescem com a rega de nosso pranto. Ainda quando nos perdoassem a inveja, a calúnia e a perseguição, nossas mesmas paixões seriam nossos tiranos. Em meio destas adversidades, quando estiveres mais sitiado de trabalhos, representa-te o mesmo Salvador que te exorta a cobrar ânimo com a esperança do prêmio: *Peto, nate, ut aspicias ad cœlum.* Uma olhada para o céu, a memória daquela felicidade eterna, daquele delicioso descanso, daquela glória brilhante embota aos espinhos as pontas, dissipa os enfados, acalma as inquietações, tranquiliza o coração agitado e faz doce até a mesma amargura. Se a memória só da morte é bastante para tirar o gosto aos prazeres mais vivos da terra, a vista do céu, a consideração da glória que gozam nele os bem-aventurados, não é menos própria para adoçar as aflições, para suportar os contratempos desta vida. Faze a experiência; e serve-te deste meio não só para sofrer com resignação teus trabalhos, mas para consolar os outros nos seus.

2. Se queres estar mais desprendido da terra, pensa frequentemente no céu. Imita, primeiro, a industriosa piedade daquele grande príncipe que nos salões mais ostentosos de palácio e em suas mais deliciosas casas de campo mandou pôr esta inscrição: *Non habemus hic manentem civitatem, sed futuram inquirimus*: Não temos neste mundo mansão que seja estável; e assim aspiramos a fixar nossa habitação no céu. Segundo, discorre e fala como aquele fervoroso missionário que, consumido do afã de suas apostólicas fadigas e do rigor de suas rigorosas penitências, e exortando-o a que ao menos na avançada idade de oitenta anos descansasse ou moderasse algo seus penosos exercícios, respondia: Trabalhemos pelo céu enquanto estamos neste mundo; mortifiquemo-nos enquanto vivemos, que bastante lugar teremos para descansar na eternidade. Terceiro, nunca celebres a festividade de algum santo ou santa sem fazer reflexão à felicidade eterna que estão gozando e considera que te estão dizendo: Nós fomos o que tu és; em tua mão está, com a divina graça, ser logo o que nós somos; tem a mesma fidelidade e gozarás a mesma sorte.

[^1]: (Nota ausente no texto reconhecido pelo OCR.) A passagem corresponde a Mc 9,22. [^2]: Santo Agostinho (o OCR traz apenas “Aug.”). [^3]: 2 Mc 7.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:46:15 by Admin
Updated 20 November 2026 20:46:15 by Admin